

## **ENSINO DE CIÊNCIAS E QUALIDADE DA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA: O QUE DIZEM OS ALUNOS DO 8º ANO DA ESCOLA ESTADUAL SILVIO ROMERO (LAGARTO-SE).**

Taciana de Lisboa Faria<sup>1</sup>,  
Graciela da Silva Oliveira<sup>2</sup>;  
Tainan Amorim Santana<sup>3</sup>.

### **RESUMO**

O presente artigo fundamenta-se em uma investigação realizada com alunos do 8º ano (7ª série) do ensino fundamental da escola Estadual Silvio Romero (Lagarto-SE). Buscou-se identificar o discurso dos estudantes em relação a suas preferências escolares, bem como sua relação de bem estar junto ao docente e compreender os fatores escolares que podem influenciar no processo de ensino/aprendizagem de tais alunos. Os dados foram obtidos por meio de questionários elaborados e aplicados no período de estágio na disciplina de Estágio Supervisionado I. Tais questionários foram respondidos pelos discentes da referida escola e foram analisados após processamento no software Excel. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos consultados manifesta um discurso positivo em relação as aulas de ciências. Observou-se também que o interesse em sala de aula esta relacionado a metodologia e postura do professor.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências, Prática Docente e Estágio Supervisionado,

### **ABSTRACT**

This article is based on a study conducted with students from eighth grade (7th grade) of school State Silvio Romero (Lagarto-SE). We sought to identify the speech of students about their school preferences and their relationship of well-being with the teachers. And seek to understand the factors that can influence the process of teaching and learning for these pupils. Data were collected through questionnaires prepared and applied during the discipline of Supervised Internship I. These questionnaires were completed by students of that school and after processing were analyzed in Excel software. The results showed that most of the students expressed a positive speech about the science classes. It was also noted that interest in the classroom is related to methodology and attitude of the teacher.

**Key words:** Science Teaching, Practice e Spervised Training.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Biológicas, UFS, Campus Prof. Alberto Carvalho. E-mail: taciana\_lisboa@hotmail.com.

<sup>2</sup>Profª. Msc. da Universidade Federal de Cuiabá. E-mail: graciela.ufs@gmail.com.

<sup>3</sup> Profª. Esp. da UFS, Campus Prof. Alberto Carvalho. E-mail: tainan\_biologia@hotmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

A importância do Estágio Supervisionado na formação do profissional da área de Educação é indiscutível. O objetivo desta atividade e disciplina é favorecer, através de situações simuladas e reais, a conscientização e o enfrentamento lento e gradual do mundo de trabalho, com o qual o licenciando irá se deparar, unindo teoria e prática, oferecendo ao aluno a possibilidade de perceber os desafios da carreira do docente e de refletir maduramente sobre a profissão que vai assumir.

De acordo com Arnoni (2003), o estágio representa a articulação das instituições escolares envolvidas e propicia reflexões sobre e a partir da realidade da escola pública e gera um trabalho crítico de formação. Foi através da oportunidade criada através do Estágio Supervisionado I, que obtive os resultados que nortearam presente artigo.

Não é de hoje que o tema educação tem sido alvo de várias polêmicas e discussões. Dentro do ambiente escolar, práxis docente e o desempenho do aluno formam o foco do processo ensino/aprendizagem. De acordo com DIAS-DA-SILVA (1998) o professor é muitas vezes vistos como um grande vilão desse projeto escolar e em outras não passa de uma vítima deste ambiente, como personagem de trabalho solitário e mal remunerado e sem incentivos para seu fazer docente.

Quando se pensa na forma de ensinar, intuitivamente falamos sobre a formação do professor, pois como ele poderia ensinar um conhecimento que não possui?

Na década de 70, o papel do professor era transmitir saberes e preparar o aluno para a vida futura, com a idéia de que o futuro seria igual ao dia de hoje. O conhecimento era considerado único e universal. Hoje é exigida dos professores a capacidade de estabelecer uma forte relação entre o pensar, o decidir e o agir. A Universidade tem que formar professores que possam ter a capacidade de decidir de acordo com as situações mais diversas, de se adaptar. Têm que se organizar e animar ações de aprendizagem, utilizar novas tecnologias e se atualizar. (LEITE, 2009).

Diante disso, Moraes (1996) afirma que o difícil não é saber “o que” ou “quanto” ensinar, e sim “como” ensinar. Afinal, a quantidade de informações é imensa, mas o que vai garantir a qualidade da aprendizagem é a forma como o conteúdo é passado.

Para trabalhar bem a matéria de ensino, o professor tem de ter profundo conhecimento do que se propõe a ensinar. Isto não significa uma postura prepotente que pressuponha uma forma estanque de conhecer. Ao contrário, o professor que tem domínio do conteúdo é aquele que trabalha com a dúvida, que analisa a estrutura de sua matéria de ensino e é profundamente estudioso naquilo que lhe diz respeito. (CUNHA, 2001 p.143).

Acredito que uma grande parcela do desinteresse em sala de aula, é devido a postura do professor, afinal ele representa o papel de incentivador no processo de ensino/aprendizagem. No entanto, acredito também, que há alunos completamente descompromissados e que mesmo com todo o empenho do docente, não reage positivamente quanto ao interesse em estudar.

Tais questionamentos instigaram a realização da presente pesquisa, cujo objetivo foi identificar o discurso dos discentes em relação a suas preferências escolares, bem como sua relação de bem estar junto ao docente e compreender os fatores escolares que podem influenciar nesse processo de ensino/aprendizagem.

## **2. METODOLOGIA**

Durante todo o período do estágio supervisionado I, sendo este somente de observação, foi possível registrar as experiências desenvolvidas no âmbito escolar e conhecer o processo educativo do Colégio Estadual Silvio Romero situada no município de Lagarto-SE.

Após o período de observação, foram elaborados questionários com base na pesquisa de Chagas (S/D), e após aprovação e orientação da professora, os mesmos foram aplicados aos 35 alunos do 8º ano (7ª série) que constituíram o público alvo da pesquisa.

De acordo com o autor citado acima, para se elaborar um questionário deve-se estabelecer uma íntima ligação do problema observado com os objetivos da pesquisa. Dessa forma foi feito uma análise dos registros escritos no caderno de campo para a identificação do problema.

As perguntas contidas no questionário aplicado eram na sua maioria de natureza objetiva, sendo cerca de 40% discursivas. Os alunos não foram abrigados responder o questionário e nem se identificar. Buscou-se caracterizar o perfil dos alunos através de questões sobre faixa etária, sexo, se são repetentes ou não e quais as pessoas que moram com ele.

Para a caracterização das aulas de ciências e quanto ao bem estar discente, os sujeitos da pesquisa responderam questões como qual a matéria que mais gostavam, qual a que menos gostavam, se se sentiam bem nas aulas de ciências, Preferência quanto aos materiais e metodologias utilizadas em aula, etc.

Após a aplicação dos questionários, as informações neles contidas foram categorizadas e colocadas em quadros no *software* Word (versão 2007). Em seguida, essas informações foram transformadas em gráficos através do uso do *software* Excel (versão 2007).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a elaboração e aplicação dos questionários em sala de aula, os resultados obtidos foram analisados em três categorias: perfil geral dos entrevistados, vida escolar e aulas de ciências. Dessa maneira, obtiveram-se os seguintes resultados:

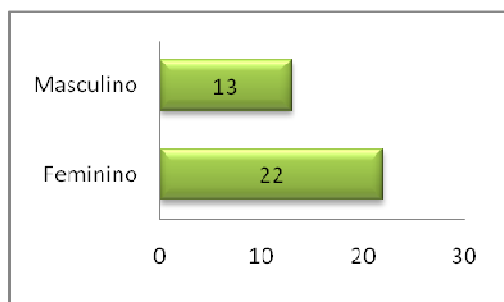


Figura 1: Distribuição dos alunos em relação ao sexo.

No que diz respeito ao sexo dos alunos, a figura 1 aponta uma maioria de meninas em relação aos meninos. Sabe-se que durante muitos anos, as diferenças biológicas determinaram os papéis sociais e conseqüentemente os tipos de atividades entre os sexos. Alguns acontecimentos históricos como o movimento feminista, trouxeram grandes repercussões de forma crescente na tentativa de desfazer o rótulo dos estereótipos masculinos e femininos.

Santos (2009), professora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da UniRio que estuda questões ligadas ao gênero feminino, afirma que:

Realmente essa é uma conquista feminina. Os indicativos demonstram que, em todos os níveis de ensino, há uma predominância de mulheres. Elas estudam mais e por mais tempo do que os homens. A mulher busca se aperfeiçoar também para conquistar uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Neste contexto, também é possível que a alta porcentagem de alunas esteja relacionada a estereótipos masculinos. Afinal, o senso comum, ainda vê no homem o

provedor da casa que precisa trabalhar para mantê-la e assim os meninos entram no mercado de trabalho cada vez mais cedo.

Dentre os 35 alunos, 5 são repetentes do 8º ano (7 série), como pode ser observado no quadro 1, isso nos faz compreender porque há nessa turma, alunos com faixa etária entre 14 e 15 (figura 2). No entanto, a maioria dos discentes se encontra na faixa etária esperada para tal turma.

Repetente Da 7ª Série?	Não=28	Sim=5	Não Respondeu = 2		
Já Repetiu Outras Séries?	Sim=5	Não=29	Não Respondeu = 1		
Quais?	2ª série =2	3ª série =1	5ª série =2	6ª série =1	Não Respondeu =1

Quadro 1: Amostra dos alunos referente a repetência escolar.

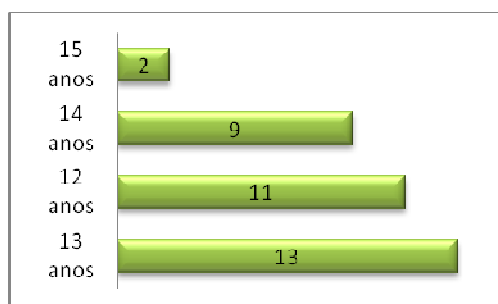


Figura 2: Divisão etária dos alunos.

Continuando com as informações sobre o perfil geral dos consultados, podemos perceber através da figura 3, que a maioria dos alunos possui uma família com os padrões esperados e tidos como normais para a sociedade onde uma família é composta por: pai, mãe e irmãos.

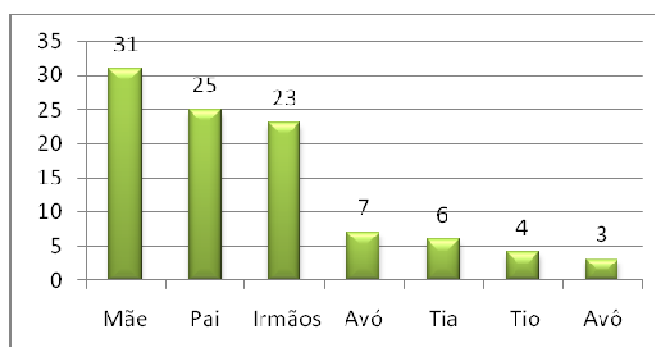


Figura 3: Pessoas que moram com os alunos.

Diante dos avanços tecnológicos, as crianças deste novo milênio estão evoluindo, são mais espertas do que as crianças de algumas décadas atrás.

De acordo com Ramos, as crianças de hoje se desenvolvem antes do tempo previsto, pois algumas habilidades foram estimuladas, elas expressam suas vontades e seu intelecto é muito mais ativo. Porém, apresenta diferentes formas de ansiedade, de medos e de insegurança com as quais o educador tem que estar preparado para lidar.

Hoje os pais trabalham fora, as famílias são menos numerosas, e as crianças freqüentam, desde cedo, creches e escolinhas maternas, onde recebem estímulos diferentes dos que recebiam aquelas que eram criadas em casa pelos irmãos e que só eram levadas para a escola aos sete anos. (RAMOS, S/D).

É, portanto, com crianças desse perfil que o docente tem que saber lidar, tem que reconhecer suas necessidades e procurar atendê-las dentro do contexto educacional atual.

Temos, hoje, crianças com características próprias de uma era tecnologicamente desenvolvida, e não é de se espantar que ao analisarmos a figura 4, referente a preferência dos alunos quanto aos materiais e metodologias que os docentes utilizam em aula, percebamos uma maioria que prefere aulas com experiências, que usem filmes e jogos.

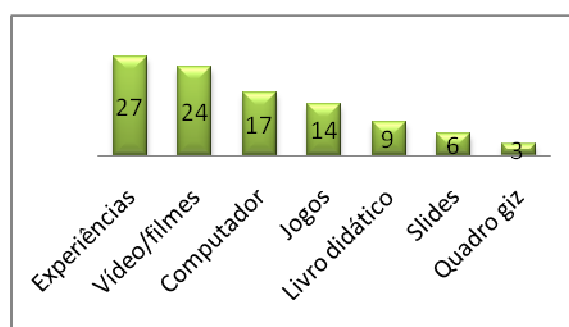


Figura 4: Preferência dos alunos quanto a materiais e metodologias utilizadas em aula.

Sabe-se que professores de matemática constantemente ouvem frases como: “*Matemática é uma matéria que causa medo*”; “*é uma disciplina difícil de ser entendida*”; “*é muito complicada*”; “*esta aula não é nada atrativa*”, entre outras. Tais afirmações podem ser conformadas com a figura 5, 6 e 7.

Para mudar a didática do ensino da Matemática na escola tornando-a dinâmica, rica, viva, é preciso mudar antes o conceito que se tem dessa disciplina. É preciso também reconhecer que ela evolui e se modifica no tempo, em função do uso que se faz dela.

Não é possível preparar alunos capazes de solucionar problemas ensinando conceitos matemáticos desvinculados da realidade, ou que se mostrem sem significado para eles, esperando que saibam como utilizá-los no futuro. Por isso, faz-se necessário pensar em tornar o ensino de Matemática uma das formas de preparar os alunos para a participação ativa dentro da sociedade. (FIORENTINI, 1994).

Ao considerarmos que a melhoria da qualidade educativa é prática indissociável da ação docente, surge a necessidade de utilizar novas tecnologias a fim de aprimorar a prática pedagógica numa perspectiva que priorize o cotidiano do aluno.

Portanto, o desafio para os docentes de matemática é mudar a forma de pensar e de ensinar matemática.

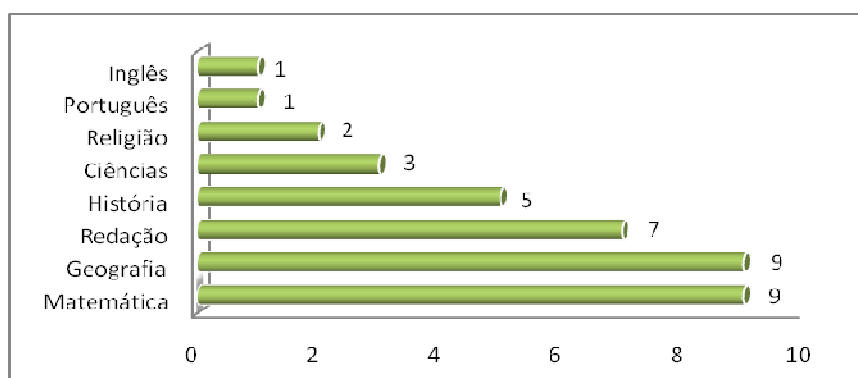


Figura 5: Matéria a qual os alunos menos gostam.

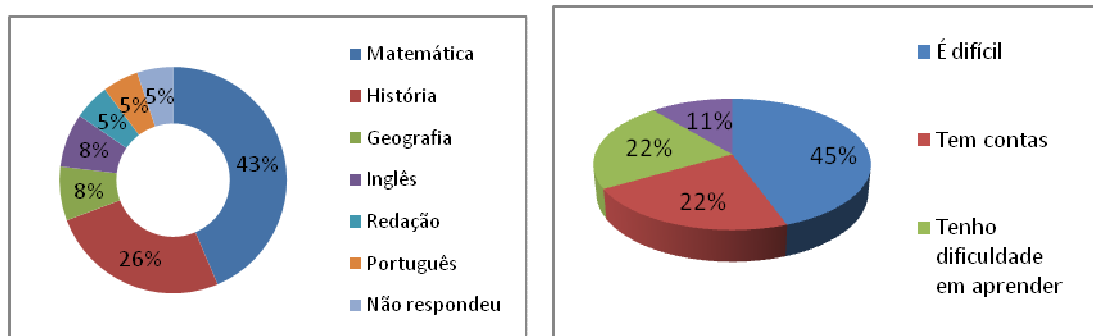


Figura 6: Matéria na qual há maior dificuldade de aprender. Figura 7: Justificativa dos alunos por não gostarem de matemática.

Ao analisarmos a figura 5, podemos perceber que há uma disciplina com a mesma rejeição que a matéria de matemática. Este fato fica nítido ao lermos a observação

registrada no caderno de campo quanto às aulas de geografia e também ao visualizarmos os resultados da figura 6, referente a justificativa dos alunos por não gostarem de geografia.

Outro fato interessante em relação a essa mesma figura (6) é que quase todas as respostas giraram em torno da professora e de sua metodologia em sala de aula.

Diante disso, Moraes (1996) afirma que o difícil não é saber “o que” ou “quanto” ensinar, e sim “como” ensinar. Afinal, a quantidade de informações é imensa, mas o que vai garantir a qualidade da aprendizagem é a forma como o conteúdo é passado.

Acredito que propostas de soluções para essa realidade possam ser encontradas quando os docentes superarem a visão simplista do professor transmissor de conhecimento e passarem a desenvolver a idéia do professor-pesquisador, que busca novos meios de aprimorar seu fazer pedagógico. Nesse sentido ressalto a relevância da formação continuada que leva o professor a enfrentar os desafios do século XXI, fazendo com que saiba usar a tecnologia a seu favor, para o crescimento do ensino e melhor desenvolvimento dos alunos em sala de aula.

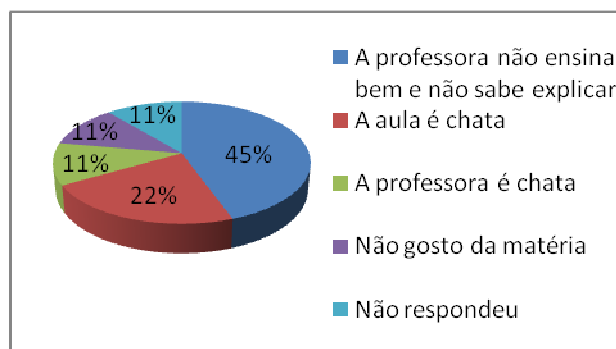


Figura 6: Justificativa dos alunos por não gostarem de geografia.

Com relação a figura 7, percebemos uma predominância da matéria Ciências como escolhida entre as preferidas dos consultados. Isto pode ter acontecido por dois motivos:

- 1º - A pessoa que aplicou o questionário na escola é graduanda do Curso de Ciências Biológicas da UFS de Itabaiana e por isso os alunos consultados se sentiram pré-dispostos a escolher ciências.
- 2º - Porque realmente gostam mais da matéria de ciências já que é uma disciplina bastante interessante.

Porém, ao olharmos as figuras 8 e 9, podemos perceber que foi quase unânime a resposta de que eles se sentem bem nas aulas de ciências, isto devido a vários motivos, dentre estes, os mais frequentes estão relacionados com a conduta e metodologia da docente.



É fácil entender que quando há um bom relacionamento entre docente e alunos, estes se sentem mais estimulados a participar da aula e esclarecer suas dúvidas.

Concordo com Santos (2001) ao pensar que o segredo do bom ensino é o entusiasmo pessoal do professor, que vem do seu amor á ciência e aos alunos. Esse entusiasmo pode e deve ser canalizado, sobretudo para o estímulo ao entusiasmo dos alunos pela realização, por iniciativa própria, dos esforços intelectuais e morais que a aprendizagem exige.

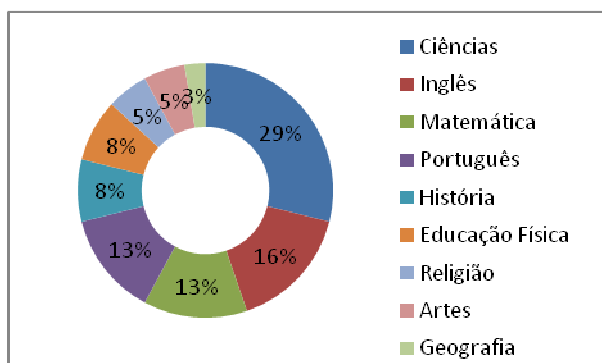


Figura 7: Matéria a qual os alunos mais gostam.

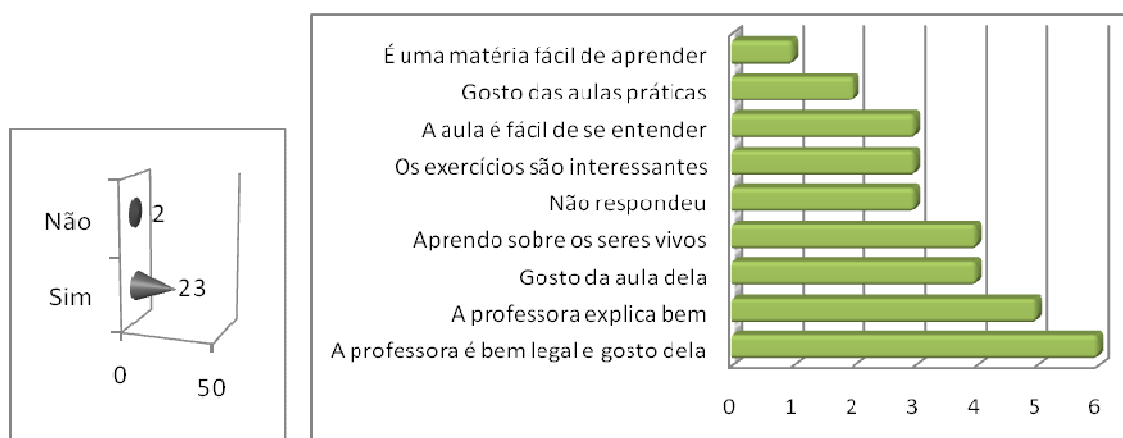


Figura 8: Resposta quanto ao sentir-se bem ou não nas aulas de Ciências. Figura 9: Justificativa dos alunos por se sentirem bem nas aulas de ciências.

Nesse contexto a vida cotidiana do aluno deve servir como motivação para a aprendizagem do conteúdo. Souza e Freitas (S/D), em pesquisa realizada com professores de biologia do ensino médio, alerta que:

Dos professores que afirmam trabalhar em sala de aula coma vida cotidiana do aluno, a principal razão que os leva a utilizar essas situações é o fato delas servirem como motivação ao aluno, pois torna a aula mais interessante e chama a atenção para o conteúdo. Outra justificativa apontada diz respeito ao fato de estabelecer relações da vida dos estudantes com o conteúdo da Biologia, e, dessa forma, ajudá-los em algum momento de suas vidas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que já foi exposto, considero a realização do estágio supervisionado como fator primordial na formação de licenciados, pois o mesmo estimula o desenvolvimento do olhar sensível e interpretativo às questões da realidade. Além disso, o mesmo possibilitou a vivência da realidade escolar, permitindo o cumprimento de atividades diversas, como por exemplo, a aplicação de questionários, os quais nortearam a presente pesquisa.

A importância da formação continuada e do constante aprimoramento dos conhecimentos na área, das necessidades sociais, da investigação da própria prática e a busca de temas atuais torna-se uma necessidade urgente. Tal objetivo será alcançado quando os docentes superarem a visão simplista do professor transmissor de conhecimento e cultura, e passarem a desenvolver a idéia do professor-pesquisador, que busquem novos meios de aprimorarem seu fazer pedagógico.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, A. T. R. **O questionário na pesquisa científica.** S/D.

FIORENTINI, D. **Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil.** 1994. Disponível em <[http://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=cotidiano+e+matematica&hl=pt-BR&as\\_sdt=2000](http://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=cotidiano+e+matematica&hl=pt-BR&as_sdt=2000)>. Acessado em 04 de abril de 2010.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Tese de doutorado. Programa de Educação-Supervisão e Currículo. PUC, São Paulo, 1996.

RAMOS, M. da C. A. L. **Jogar e brincar: Representando papéis, a criança constrói o próprio conhecimento e, conseqüentemente, sua própria personalidade.** S/D. Disponível em <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev01-07.pdf>> Acessado em 02 de maio de 2010.

SANTOS, I.M.M. dos. **Maioria nas universidades, elas ainda buscam espaço.** Jornal:Folha Dirigida. p. 6. 2009.

SANTOS, S. C. dos. **O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”.** Caderno de pesquisa em Administração, São Paulo, v. 08, nº1, janeiro/março 2001. Disponível em <[www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/v08-1art07.pdf](http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/v08-1art07.pdf)>. Acessado em 02 de maio de 2010.

SOUZA, N.L.;FREITAS,D.de; **O Cotidiano de Educandos Trabalhado na prática educativa de professores de biologia.** p. 1-9, sd.